



HIERARQUIA COMO EXPRESSÃO DE PODER E REPRESENTAÇÃO DE TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL NAS ARQUIBANCADAS

Natália Morena Lage Silva¹

Agripino Souza Coelho Neto²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo examinar as contradições e conflitos presentes nas relações sociopolíticas entre as torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, destacando sua expressão hierárquica nas arquibancadas dos estádios de futebol. A análise se baseia nas dinâmicas hierárquicas de representação dos coletivos torcedores, especialmente no que diz respeito à disputa pelos espaços de maior visibilidade nos estádios. As torcidas organizadas impõem critérios para a ocupação desses espaços, coordenando ações coletivas que reafirmam suas identidades por meio representação torcedora e da demarcação territorial das arquibancadas, utilizando patrimônios como faixas, bandeiras ou instrumentos que carregam símbolos característicos de cada torcida. A pesquisa revela que, nos últimos anos, torcidas organizadas menos influentes têm desenvolvido formas de resistência territorial, posicionando-se contra a ordem hierárquica estabelecida e buscando romper com as práticas hegemônicas nas arquibancadas. Assim, este trabalho aborda uma temática pouco explorada no âmbito da Geografia, visando aprofundar a compreensão dos espaços e das relações de poder exercidos pelas torcidas organizadas de futebol.

Palavras-chave: Torcidas, Poder, Territorialidades

ABSTRACT

¹ Mestranda no Curso de Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – BA. nataliamorena.prof@gmail.com

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – RJ. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia - BA. agscneto@uneb.br



This article aims to examine the contradictions and conflicts present in the sociopolitical relations among the organized fan groups of Sport Club Corinthians Paulista, highlighting their hierarchical expression in the football stadium stands. The analysis is grounded in the hierarchical dynamics of representation within fan collectives, particularly concerning the competition for spaces with greater visibility in the stadiums. Organized fan groups impose criteria for the occupation of these spaces, coordinating collective actions that reaffirm their identities through fan representation and the territorial demarcation of the stands, utilizing assets such as banners, flags, or instruments carrying symbols and distinctive marks of each fan group. The research reveals that, in recent years, less influential organized fan groups have developed forms of territorial resistance, positioning themselves against the established hierarchical order and seeking to break away from hegemonic practices in the stands. Thus, this work addresses a less-explored theme in the field of Geography, aiming to deepen the understanding of the spaces and power relations exercised by organized football fan groups.

Keywords: Fan Groups, Power, Territorialities

INTRODUÇÃO

No Brasil temos o futebol como uma paixão nacional, contudo é importante destacar que o esporte foi introduzido no país através das elites e sua propagação ocorreu de maneira turbulenta e hierárquica, gerando significativas alterações nas estruturas sociais brasileiras, sobretudo no que diz respeito aos espaços de interação entre os apreciadores do futebol: as arquibancadas dos estádios.

Este artigo busca explorar a hierarquia como expressão fundamental de representação nas torcidas organizadas, analisando como a ordem estabelecida influencia a distribuição de poder, a visibilidade e a representação desses grupos. A partir de uma reflexão aprofundada sobre as práticas, conflitos e transformações observadas nas arquibancadas, pretendemos compreender como as relações de poder entre torcidas organizadas de um mesmo clube, por ora denominada como hierarquia, se torna um elemento intrínseco na configuração das relações sociais dentro das torcidas organizadas. Estas relações estão imbricadas nas territorialidades estabelecidas por estes grupos nas arquibancadas, sendo estes os principais conceitos estruturantes das análises que pretendemos desenvolver neste artigo.



Ao examinar as bases dessa hierarquia, fundamentadas em critérios como ano de fundação e número de associados, pretendemos desvelar as nuances da representação nos estádios de futebol, identificando como as torcidas mais expressivas historicamente consolidam sua posição de destaque. Além disso, buscaremos compreender as resistências e ações coordenadas por parte das torcidas de menor porte ou fora da capital paulista, que enfrentam o desafio de se fazerem notar em um contexto marcado pela imposição hierárquica.

Nesse contexto, o estudo da hierarquia como expressão de representação em torcidas organizadas não apenas contribuirá para a compreensão mais profunda desses grupos sociais, mas também lançará luz sobre questões mais amplas relacionadas ao poder, resistência e diversidade nas arquibancadas do cenário esportivo.

As torcidas organizadas manifestam sua representação nos estádios de futebol através de ações coletivas que reforçam suas identidades como torcedores e por meio de diversas formas de expressão, enraizadas em relações de poder, que exercem impacto na configuração espacial das arquibancadas. A apropriação desses espaços pelas torcidas ocorre através da exibição de faixas e bandeiras, que não apenas propagam os símbolos e marcas, mas também demarcam suas territorialidades e garantem sua representação.

A formatação dos elementos constitutivos do aparato simbólico das torcidas organizadas é utilizada de modo a afirmar – e reafirmar – a identidade coletiva da agremiação, reiterando uma espécie de padrão torcedor da associação. A utilização das marcas identitárias, vislumbradas em camisas, escudos e cores, remete ao intuito de construir uma representação torcedora e, ao estabelecer identificação própria e coesão grupal, demarcar sua distinção e seu espaço. (Silva, 2021, p. 78)

Assim, as arquibancadas deixam de ser meros espaços para espectadores e se transformam em palcos onde as torcidas se tornam protagonistas do espetáculo futebolístico.

Essa dinâmica resulta em disputas por espaços de visibilidade no estádio que influenciam diretamente na disposição de cada torcida nas arquibancadas. Conflitos entre torcidas organizadas de um mesmo clube evidenciam as relações de poder que perpassam pela hierarquia preestabelecida, levando cada torcida a ocupar uma área específica e delineando suas posições na estrutura espacial do estádio.

Para auxiliar na investigação do fenômeno torcedor, imerso em exigências e contradições por parte das instituições futebolísticas, adotamos uma abordagem



qualitativa para compreender como a hierarquia de torcidas contribui para a representação, (re)organização das territorialidades e resistência desses grupos nas arquibancadas.

METODOLOGIA

Para produzir e analisar informações, foram empregados diversos procedimentos metodológicos. Em primeiro lugar, foi realizada uma revisão da literatura para recordar o contexto político-geográfico em que as torcidas organizadas surgiram e se consolidaram socialmente. Com base na leitura do material coletado, foi elaborado um tópico-guia que serviu de apoio para a realização de seis entrevistas semiestruturadas com lideranças de torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, com presente atuação em algumas regiões do país. A escolha das torcidas baseiam-se em critérios como representatividade em jogos, quantidade de associados e seus contextos histórico-identitários de surgimento e atuação coletiva.

Antes de iniciar as entrevistas, apresentamos aos entrevistados os objetivos da pesquisa e solicitamos que assinassem um termo de consentimento, no qual explicamos nosso compromisso ético e garantimos o anonimato. Desta maneira, a partir de então os dirigentes serão citados por meio de indicações numéricas, de 1 a 5, sistematicamente distribuídas. Após as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra e conforme o estabelecimento de categorias prévias, foram submetidas a uma análise de conteúdo.

Além das entrevistas, realizamos observações em estádios durante partidas, sedes e pontos de encontros de torcidas, reuniões de coletivos torcedores, eventos oficiais e debates sobre pautas político-sociais torcedoras, com intuito de fortalecer a pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A territorialidade é uma relação de espaço-poder evidente (Raffestin, 1983; Souza, 1995; Haesbaert, 2004; Coelho Neto, 2013), na qual os grupos sociais (como as torcidas organizadas, em nosso caso) estabelecem interações entre si e com o espaço. Refere-se às dinâmicas e expressões das práticas territoriais, envolvendo comportamentos, estratégias e representações dos grupos e agentes sociais em relação ao território.

As representações se inserem, conforme Chartier (1990, p. 17) “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”. Sendo assim, em torcidas organizadas, as representações são construídas por



meio de práticas específicas adotadas pelos grupos, que vão além da exibição de materiais simbólicos contendo suas distintas insígnias, sendo evocadas pela presença física e coletiva nas arquibancadas, onde os grupos demarcam seus territórios e estabelecem territorialidades.

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (Sack, 1986, p. 219).

Para Sack (1986), um estudo debruçado nas territorialidades é fundamental para compreender as relações sociais, as dinâmicas de poder e as identidades que são construídas e expressas no território. Ele enfatiza a importância de uma abordagem que considere as diferentes nuances e escalas envolvidas.

Para Haesbaert (2009), o território se define a partir de um enfoque sobre o espaço, colocando seu foco no interior dessa dimensão espacial, na dimensão e problemáticas de maneira política ou nas quais envolvem a manifestação das relações de poder, em seus vários campos. O poder se torna, portanto, um componente fundamental e uma categoria essencial para entender o fenômeno investigado.

Perissinotto (2008) enriquece a discussão conceitual ao questionar se o poder seria uma imposição ou um consenso ilusório. O autor propõe uma abordagem do poder a partir de dois amplos campos conceituais: por um lado, as relações de poder são consideradas hierárquicas, fundamentadas nas ideias de conflito e predomínio; por outro lado, o poder é compreendido como um conjunto de interações direcionadas à obtenção de interesses coletivos, baseado na construção do consenso. Essa dualidade conceitual oferece perspectivas distintas para a análise e compreensão do fenômeno do poder nas relações sociais.

“O primeiro campo conceitual é perpassado por outra divisão: De um lado encontramos aqueles que definem poder como uma interação entre atores conscientes dos seus interesses e do caráter antagônico de suas preferências. [...] De outro lado, há os que entendem o poder como uma relação social institucionalizada, que distribui desigualmente os recursos sociais, mas cujo funcionamento ocorre à revelia da consciência dos atores”. (Perissinotto, 2008, p.30)

Dessa forma, o conceito de poder, de caráter hierárquico, intrínseco a esta pesquisa, pode ser compreendido de maneira subjetiva ou objetiva, dependendo da percepção dos agentes hegemônicos em relação aos demais grupos. A hierarquia representa uma forma de estrutura de poder que classifica indivíduos em diferentes níveis



de influência na sociedade, manifestando-se, inclusive, entre as distintas torcidas organizadas de um mesmo clube. Estas torcidas baseiam-se em critérios para determinar a ocupação espacial nas arquibancadas.

Conforme Morgan (1996), a hierarquia é descrita como "a autoridade do superior sobre o subordinado que se estende do topo até a base da organização; essa cadeia, resultante do princípio de comando, deve servir como canal para comunicação e tomada de decisões" (p. 28). Analogamente, na hierarquia organizacional, são estabelecidos os níveis de autoridade e responsabilidade dentro de uma instituição. Nas torcidas organizadas, a hierarquia entre os membros, frequentemente identificada por dirigentes e subgrupos, reflete-se em uma estrutura organizacional que delimita funções, decisões e ações.

Na perspectiva nietzschiana da "vontade de poder", observamos a busca incessante por mais poder e a consolidação por meio de hierarquias como a base do impulso vital. Cada vontade assume uma perspectiva específica em relação ao todo, o que a individualiza, de acordo com Nietzsche (2013, p. 210), que afirma que "a própria vida é fundamentalmente apropriação, ofensa, sujeição do alheio e do mais fraco, opressão, dureza, imposição das formas próprias, incorporação e, no mínimo, no caso mais suave, exploração". Assim, a vontade de poder emerge como uma força impulsionadora da existência e das ações individuais, bem como das estruturas sociais, sendo estas, processos dinâmicos e em constante mutação.

Giulianotti (2002, p. 90) argumenta que "as subculturas dos torcedores de futebol revelam diferenças geográficas e culturais significativas entre si". Assim, a compreensão da hierarquia é fundamental para analisar as dinâmicas de grupos sociais, organizações e estruturas complexas. No contexto das torcidas organizadas, onde a coesão interna é robusta e a influência é evidente, a introdução de uma hierarquia estrutural desempenha um papel central na coordenação e no exercício de poder desses grupos. É dessa perspectiva que se delineiam as relações de poder entre as torcidas organizadas, desempenhando um papel crucial na formatação das experiências, na representação e na expressão da identidade torcedora nas arquibancadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As dinâmicas sociais presentes nas arquibancadas dos estádios de futebol têm se revelado como um fascinante campo de estudo, onde a paixão pelo esporte se entrelaça



com complexas relações de poder e representação. No âmbito das torcidas organizadas, o fenômeno da hierarquia surge como um elemento-chave, delineando a forma como esses grupos se organizam, se representam e estabelecem sua presença.

As torcidas organizadas se destacam como comunidades fervorosas, impulsionadas por uma paixão compartilhada pelo esporte e pelo apoio incondicional a seus clubes de coração. Contudo, o que poderia ser interpretado como uma unidade homogênea revela-se um cenário complexo, onde as relações sociais se organizam sob a égide da hierarquia, desempenhando um papel crucial na expressão de representação desses grupos.

No contexto brasileiro crescem as disputas territoriais entre diferentes torcidas organizadas de um mesmo clube – vide o recente caso das torcidas Fortaleza Esporte Clube: Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF) e Jovem Garra Tricolor (JGT). Em busca de representação nas arquibancadas, diversos grupos torcedores se manifestam em apoio ao time, ocupando os estádios de forma intencional, delimitando seus espaços e instaurando, assim, relações espaço-poder que se materializam através do controle socioespacial.

Pudemos observar através da análise do discurso, a partir das entrevistas concedidas pelos dirigentes das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista que a representação e distribuição espacial torcedora nas arquibancadas apresenta uma estrutura hierárquica que se traduz na disputa por visibilidade, controle territorial e protagonismo no espetáculo futebolístico. Essa hierarquia entre torcidas organizadas não é um mero reflexo da estrutura interna desses coletivos, mas sim uma manifestação de poder e influência que permeia as interações sociais no contexto das arquibancadas. O Dirigente 1 afirma que

existe uma hierarquia: as torcidas (corinthianas) de São Paulo têm prioridade para estender suas faixas. Nós temos o entendimento que, por essas torcidas serem mais antigas e representarem a nossa voz em todo o mundo, passam a ter prioridade de representação. Nós respeitamos, mas não aceitamos. (Dirigente 1, 2022)

Para fortalecer a informação apresentada anteriormente, é essencial destacar a última sentença. Em São Paulo, as torcidas do Corinthians aplicam a imposição de seus princípios, fazendo uso do que denominamos como hierarquia de torcidas, a fim de consolidar sua influência sobre as demais, especialmente as torcidas organizadas de outras regiões. Neste sentido, o Dirigente 2 tece uma crítica a respeito da legitimidade da estrutura hierárquica adotada pelas torcidas organizadas corinthianas.



Nós não consideramos legítima! Primeiramente, na arquibancada, independente de ser organizada ou não, o propósito final é apoiar o Corinthians de forma incondicional (...) além disso, apesar do tamanho do movimento, há de se respeitar os demais porque a finalidade de tudo deve ser o Corinthians. Quando um grupo chega com a ideia de que a sua torcida é mais forte ou maior, deixa de ser pelo time para ser pelo movimento e aí perde a legitimidade. Então as relações entre torcidas organizadas corinthianas não são apenas hierárquicas, como são impostas. (Dirigente 2, 2023)

Lebrun (1999, p. 19) explora a perspectiva de que "nenhuma organização política, pelo menos moderna, poderia operar sem a presença de dominação" sugerindo que, para o funcionamento eficaz de tais estruturas, a presença de relações de dominação é essencial. De acordo com o autor, é possível inferir que, embora os conceitos de poder e dominação sejam distintos em termos conceituais, eles mantêm uma interconexão intrínseca. A dinâmica entre poder e dominação revela-se como uma relação relacional, onde a posse de poder por parte de um grupo ocorre à custa da privação desse poder por outros. Assim, essa perspectiva lança luz sobre a complexa teia de relações e interações presentes nas organizações sociais modernas, onde a dinâmica de poder e dominação desempenha um papel crucial, tanto estrutural, quanto operacional.

A partir do questionamento a respeito dos critérios estabelecidos para determinação desta hierarquia e, conseqüentemente, da maior representação torcedora nas arquibancadas dos estádios de futebol, o Dirigente 3 elucida:

O ano de fundação é o fator determinante para representar na (arqui)bancada, tem que respeitar a história de quem veio antes. No entendimento das torcidas organizadas do Corinthians temos a visão de que a hierarquia deve ser respeitada para preservar as tradições e quem sempre acompanha. (Dirigente 3, 2023)

De maneira geral, a disposição hierárquica de representação das torcidas organizadas do Corinthians segue uma seqüência territorial específica. O Dirigente 4 (2022) aponta que “primeiro se posicionam as mais tradicionais, mais antigas, então esperamos ocuparem com os patrimônios deles e, se sobrar espaço, colocamos os nossos”.

A partir da análise dos discursos e conforme apontado por todos os dirigentes entrevistados, os Gaviões da Fiel ocupam e exibem seus patrimônios primeiro nas arquibancadas, em seguida se posiciona a Camisa 12, seguida da Pavilhão 9, Estopim da Fiel, Coringão Chopp e Fiel Macabra. A sétima torcida representa localmente. As demais têm permissão para ocupar o restante da arquibancada e exibir suas faixas, desde que haja espaço disponível para tal.



Dado que os espaços destinados aos torcedores organizados são limitados, aqueles que detêm maior poder, conforme a hierarquia estabelecida, têm a capacidade de ocupar efetivamente os melhores lugares, com maior visibilidade, podendo ocorrer através da apropriação física coletiva pelos torcedores ou pela inserção de elementos identitários que demarcam as territorialidades desses grupos. Neste sentido, o Dirigente 5 contribui:

É natural, ‘os caras’ de São Paulo [torcida hegemônica] viajam e quando chegam no estádio aqui, por conta da hierarquia, podem utilizar o melhor espaço do alambrado para estenderem seus patrimônios. [...] Nossa faixa já foi tomada por trazermos um símbolo associado à torcida deles. Tivemos um caso em que precisamos pedir permissão para elaborar um material, uniforme, baseado em um modelo que eles já utilizaram. A hierarquia de torcidas existe e a gente está aqui pra respeitar, mas é justo pros torcedores corinthianos locais? A gente espera uma ou duas vezes no ano para assistir a um jogo aqui e não podemos representar, não temos espaço para torcer, a não ser que nos associemos a eles ou confrontar (sic), mas não seria fácil, não contamos com essa força. (Dirigente 5, 2022)

A exibição de símbolos expostos em faixas, bandeiras, instrumentos e outros artefatos tornam-se manifestações visuais e sonoras não apenas para identificar uma torcida, mas também para expressar sua história, seus valores e suas conquistas, comunicando narrativas complexas, contribuindo para a formação e reafirmação da identidade torcedora.

As práticas ritualísticas, coreografias, cânticos e celebrações fortalecem não apenas os laços entre os membros de uma mesma torcida, mas também reforçam a identificação com o espaço ocupado, transformando as arquibancadas em palcos onde as experiências compartilhadas transcendem o âmbito esportivo, tornando-se marcadores fundamentais na construção da memória coletiva desses grupos.

A imposição de limites e fronteiras revela-se como um ato simbólico e prático de demarcação territorial onde cada torcida organizada busca delinear sua presença de maneira única, estabelecendo espaços distintos que refletem tanto a localização geográfica nas arquibancadas, como também a posição social e hierárquica dentro do cenário torcedor, assegurando a visibilidade do grupo, perpetuando a construção de uma identidade coletiva e delineando os contornos espaciais de ocupação e ordenamento durante as partidas.

A configuração de territorialidades torcedoras vai além da mera ocupação física; ela constitui um fenômeno multifacetado, permeado por hierarquias, experiências compartilhadas, construção identitária, símbolos e emoções intensas. Compreender essa complexidade é essencial para desvendar as dinâmicas sociais e culturais que se



desenvolvem nos estádios de futebol, onde as arquibancadas se tornam palcos de expressão apaixonada e identificação coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, é comum pensar que os confrontos entre torcidas organizadas nas arquibancadas estão ligados à violência e disputas de poder contra as torcidas rivais. No entanto, com a consolidação de várias torcidas organizadas de um mesmo clube a partir de dissidências político-ideológicas, os conflitos se tornam cada vez mais evidentes no meio da paixão pelo time. Embora essas torcidas organizadas fossem, anteriormente, movidas por um mesmo ideal, elas agora disputam, transformam e ocupam efetivamente os espaços das arquibancadas. O conflito, nesse contexto, emerge não apenas como uma expressão de rivalidade esportiva, mas como uma manifestação da busca por representação e autonomia dentro desses coletivos.

Podemos concluir a partir das observações e dos relatos dos entrevistados que a hierarquia de torcidas obedece à lógica social de dominação institucional, refletindo na distribuição dos espaços destinados às torcidas organizadas. Essa hierarquia é fundamentada em critérios relacionados ao ano de fundação da torcida e ao seu número de associados, determinando a representação nos estádios de futebol. Essa estrutura hierárquica também influencia as dinâmicas de poder entre as torcidas organizadas, consolidando uma ordem que favorece as torcidas de maior expressividade histórica e numérica.

Isso resulta na invisibilidade e falta de representatividade das torcidas de menor porte ou fora da capital paulista nas arquibancadas. Conscientes da repressão e represálias que poderão sofrer ao questionarem essa ordem autoritária, essas torcidas buscam resistir nas arquibancadas e na sociedade por meio de ações coordenadas que contribuam para a manutenção de suas atividades e a perpetuação de suas existências. Essa resistência se manifesta como uma tentativa de reconfigurar a dinâmica de poder estabelecida, promovendo maior diversidade de representação nas arquibancadas do futebol paulista.

A compreensão desses fenômenos não se limita ao universo esportivo, transcendendo para reflexões mais profundas sobre as dinâmicas sociais e culturais que moldam as interações humanas em espaços coletivos.



REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

COELHO NETO, A. S. **Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder.** GEOgraphia, Niterói, v. 15, p. 23-52, 2013

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248 p.

HAESBAERT, R. **Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial em:** Saquet, M. e Sposito, E. (org.) Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos, Expressão Popular, São Paulo, pp. 95-120, 2009.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

LEBRUN, G. **O que é poder.** São Paulo: Brasiliense, 1999

MORGAN, G. **Imagens da organização.** São Paulo: Atlas, 1996.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

PERISSINOTTO, R. M. **Poder: imposição ou consenso ilusório?** Por um retorno a Max Weber. In: NOBRE, Renarde Freire (org.) 7759, O poder no pensamento. 2008

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

SILVA, J. **Da festa à guerra?: a construção da representação da torcida organizada Raça Rubro-Negra durante o processo de modernização do futebol brasileiro (1987 1998)** Dissertação de Mestrado - Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, M. **O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento.** In: Castro et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.